



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC
FACULDADE DE CIÊNCIAS, FILOSOFIA E LETRAS
“MATER DIVINAE GRATIAE”
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E MEIO
AMBIENTE

EDILSON MARCOS DA SILVA

A URBANIZAÇÃO E AS ATIVIDADES ECONÔMICAS: UM
ESTUDO DE CASO EM SANTA RITA DE IBITIPOCA-MG

BARBACENA

2012

EDILSON MARCOS DA SILVA

**A URBANIZAÇÃO E AS ATIVIDADES ECONÔMICAS: UM
ESTUDO DE CASO EM SANTA RITA DE IBITIPOCA-MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia e Meio Ambiente da Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Geografia e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Esp. André Luiz do Nascimento Quincas

BARBACENA

2012

Edilson Marcos da Silva

**A URBANIZAÇÃO E AS ATIVIDADES ECONÔMICAS: UM ESTUDO DE
CASO EM SANTA RITA DE IBITIPOCA-MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia e Meio Ambiente da Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Geografia e Meio Ambiente.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. André Luiz do Nascimento Quincas
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof. Esp. Bernardino Neves Jr.
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof. Esp. Renato Kneipp Duarte
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Dedico este trabalho ao meu pai, meus irmãos e irmã, por entenderem este momento difícil, mas muito gratificante, as minhas sobrinhas (os) por me alegarem nos momentos tristes, minha filha Giovana e minha esposa Franciane e por fim de maneira muito especial, é para você MÃE.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida e Santa Rita de Cássia, que me proporcionaram a fé, me dando tranquilidade, paz e sabedoria em toda esta caminhada.

Agradeço a instituição UNIPAC, juntamente com todos os professores do curso de Geografia - Meio Ambiente, sem os quais não estaria vivenciando este momento maravilhoso.

Agradeço a todos os meus amigos que de uma forma ou de outra sempre me ajudaram.

Agradeço a todos os meus familiares, de modo especial a minha mãe pelo carinho e afeto, às vezes abdicando de coisas sua e me ajudando financeiramente para me proporcionar este momento, que era um sonho meu e com toda certeza dela também, meu muito obrigado.

RESUMO

O presente estudo discorre sobre a urbanização e as atividades econômicas, sendo que a cidade de Santa Rita do Ibitipoca (MG) é o principal objetivo da pesquisa. Os objetivos propostos foram: em primeiro momento tem se um estudo conceitual do processo de urbanização e um breve relato a respeito da evolução urbana no Brasil. Ressalta-se também um estudo embasado em alguns aspectos gerais da urbanização como as atividades econômicas, infraestrutura urbana e trabalho, o histórico da cidade, a evolução da urbanização baseado em fotografias, conversas informais com populares e lembranças do próprio autor. Acompanhando esta evolução vem toda a infraestrutura, serviços, comércio, as principais atividades econômicas. Pelo fato do processo de urbanização, este ligado às atividades econômicas, é bom ressaltar alguns aspectos importantes, neste processo de urbanização, como o número de empregos formais juntamente com a remuneração média e a flutuação de empregos formais no município de Santa Rita do Ibitipoca (MG).

Palavras-Chave: Economia. Histórico. Infraestrutura. Urbanização

ABSTRACT

This monograph discusses on urbanization and economic activities of the city of Santa Rita de Ibitipoca (MG) the main goal of this research. The proposed objectives were: First time has a conceptual study of the urbanization process and a brief story about the urban development in Brazil. Highlights a study based on some general aspects of economic activities such as urbanization, urban infrastructure and work, the historic city, the evolution of urbanization based on photographs, popular and informal conservations with the author's own memories. Accompanying this evolution comes across infrastructure, services, trade, the main economic activities. It is good to highlight some important aspects in the process of urbanization as the number of formal jobs with average earnings and the fluctuation of formal jobs in the municipality of Santa Rita do Ibitipoca (MG).

Key words: Economic. Historic. Infrastructure. Urbanization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia de Santa Rita do Ibitipoca (MG)-1983.....	29
Figura 2-Vista aérea de Santa Rita do Ibitipoca (MG) atualmente.....	29
Figura 3-Rua em frente à matriz - 1981.....	30
Figura 4-Rua em frente à matriz atualmente.....	30
Figura 5-Rua Francisco Rodrigues - 1983.....	31
Figura 6-Rua Francisco Rodrigues nos dias atuais.....	31
Figura 7-Casarão Antigo.....	32
Figura 8- Mapa urbano do município.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Índice de urbanização no período entre 1940 a 1991.....	17
Tabela 2: Número de Empregos Formais em 31 de Dezembro de 2010.....	29
Tabela 3: Remuneração média de empregos formais em 31 de dezembro de 2010.....	30
Tabela 4: Flutuação do Emprego Formal de jan/2011 até dez/2011.....	31
Tabela 5- Salário médio de admissão - Jan/2011 até Dez/2011.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ESTUDO CONCEITUAL SOBRE A URBANIZAÇÃO	11
1.1 Evolução urbana no Brasil	13
2 ASPECTOS GERAIS DA URBANIZAÇÃO: AS ATIVIDADES ECONÔMICAS, INFRAESTRUTURA URBANA E TRABALHO	19
3 ESTUDO DE CASO SOBRE A URBANIZAÇÃO EM SANTA RITA DO IBITIPOCA-MG	23
3.1 Histórico de Santa Rita do Ibitipoca-MG	23
3.2 A urbanização de Santa Rita do Ibitipoca-MG	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A urbanização pode ser considerada como um processo pelo qual a população urbana cresce em proporção superior à população rural. Sendo assim, é um fenômeno de concentração urbana e conseqüente crescimento e desenvolvimento das cidades.

No Brasil, a urbanização ganha força a partir da década de 40 com a intensificação do processo de industrialização, onde as indústrias se instalavam em locais onde houvesse infraestrutura, mão de obra e mercado consumidor.

Assim, este trabalho tem como objetivo fundamental realizar uma análise sobre a urbanização na cidade de Santa Rita do Ibitipoca, cidade localizada no estado de Minas Gerais.

Este trabalho foi realizado por meio de levantamento bibliográfico sobre o tema, revisão conceitual sobre os fundamentos da urbanização, adotados por alguns autores da Geografia. Além disso, realizo observações em campo, por meio de levantamento de fotos, levantamento sócio-histórico da cidade, bem como realizo o levantamento dos principais aspectos que evidenciam a urbanização na cidade.

Para realizar este objetivo, busco na primeira seção abordar alguns conceitos de urbanização de vários autores, e assim, relatar um pouco sobre a evolução urbana no Brasil.

Na segunda seção, busco descrever os aspectos gerais da urbanização como as atividades econômicas, infraestrutura urbana e trabalho.

Na terceira seção, pretende-se relatar um estudo de caso do processo de urbanização de Santa Rita do Ibitipoca (MG). Para isto, realizo um estudo baseado em dados históricos, em fotografias, conversas informais com moradores e dados do IBGE a respeito das principais atividades econômicas, média salarial e número de empregados.

Nas considerações finais, aponto que é importante analisar a relação entre o meio rural com o processo de urbanização no município de Santa Rita do Ibitipoca (MG).

1 ESTUDO CONCEITUAL SOBRE A URBANIZAÇÃO

Quando nos deparamos com o termo urbanização pensamos logo no processo ocorrido em fins do século XVIII e princípio do século XIX, atrelado a Revolução Industrial. Tendemos então, a perceber urbanização como algo rápido e intenso, mas também pode ser lento e gradual. Na verdade é um processo contínuo.

A urbanização se conceitua não por algo momentâneo ou estático, mas sim por um processo dinâmico e instável, assim como o autor (COELHO 1992, p.140) descreve em sua obra:

Inicialmente convém lembrar que a urbanização deve ser entendida como um processo ou movimento e não como algo momentâneo ou estático. Ela resulta fundamentalmente da transferência de pessoas do meio rural para o meio urbano. Assim a ideia de urbanização esta intimamente associada á concentração de muitas pessoas em um espaço restrito (cidade) e na substituição das atividades primárias (agropecuária) por atividades secundárias (indústrias) e terciárias (serviços). Entretanto, por se tratar de um processo, conceitua-se urbanização como sendo o aumento da população em relação à população rural, e nesse sentido só ocorre urbanização quando o percentual de aumento da população urbana é superior ao da população rural.

No entanto (VESENTINI 1991, p.74) define este mesmo processo como:

A urbanização tem um limite, um ponto final, ao passo que o crescimento das cidades pode continuar a ocorrer indefinidamente. Dessa forma, é errado falar-se em urbanização no Brasil, durante a época colonial, quando existia de fato um crescimento de cidades, mas não uma urbanização, na medida em que a população rural crescia tanto quanto a urbana, ou às vezes mais que a população das cidades. A urbanização só começa de fato a existir quando a indústria se torna o setor mais dinâmico da economia, fato esse que só aconteceu plenamente no século XX.

De acordo com as citações acima, a urbanização consiste no processo pelo qual a população urbana cresce em proporção superior à população rural. É um fenômeno de concentração urbana, crescimento e desenvolvimento industrial, conseqüentemente das cidades.

O processo de urbanização, não se limita a concentração demográfica ou a construção de elementos visíveis sobre o solo, mas inclui o surgimento de novas relações econômicas e de uma identidade urbana peculiar que se traduz em estilos de vida próprios. (PÁSSARO, 2001)

No entanto, a urbanização resulta também da integração de diversas dimensões, sejam elas sociais, econômicas e culturais.

O êxodo rural é uma característica da urbanização como descreve Vesentini (1998), “as migrações do campo para a cidade ocasionam a urbanização, isto é, o crescimento das áreas urbanas”. Mas, a urbanização não consiste somente num crescimento das cidades; ela implica uma serie de outras transformações, tais como a dependência do campo em relação à cidade e a formação de um sistema integrado de cidades, também conhecido como rede urbana.

Não se pode confundir urbanização com crescimento urbano, como (VESENTINI, 1998. P.74) menciona:

É comum ocorrer o equívoco de se confundir urbanização com crescimento urbano, que na realidade são dois processos distintos. O crescimento urbano ou das cidades pode existir sem que, necessariamente, haja uma urbanização. Esta última só ocorre quando o crescimento urbano é superior ao rural, ou seja, quando há migrações rural-urbanas e a população das cidades aumenta proporcionalmente em relação à população rural.

Fenômeno ao mesmo tempo demográfico e social, a urbanização é uma das mais poderosas manifestações das relações econômicas e de modo de vida vigentes numa comunidade em dado momento histórico. A urbanização é o processo mediante o qual uma população se instala e multiplica numa dada área, que aos poucos se estrutura como cidade. Fenômenos como a industrialização e o crescimento demográfico são determinantes na formação das cidades, que resultam, no entanto da integração de diversas dimensões. (PASSARO, 2001)

De acordo com Silva (2005), o processo de urbanização ocorre quando, num dado momento histórico, a população residente nas cidades cresce num ritmo mais acelerado do que a população total do país, isto é, quando a taxa de crescimento da população urbana é maior do que a taxa de crescimento da população rural.

A urbanização é um processo de agrupamento das características rurais de uma localidade ou região, para características urbanas. Usualmente, esse fenômeno está associado ao desenvolvimento da civilização e da tecnologia. Demograficamente, o termo denota a redistribuição das populações das zonas rurais para assentamentos urbanos. O termo também pode designar a ação de dotar uma área com infraestrutura e equipamentos urbanos. "conjunto dos trabalhos necessários para dotar uma área de infraestrutura (por exemplo, água, esgoto, gás, eletricidade) e/ou de serviços urbanos (por exemplo, de transporte, de educação, de saúde)". Ainda pode ser entendido, somente como o crescimento de uma cidade. São Paulo, por exemplo, é uma cidade

extremamente urbanizada. Por incrível que pareça os detentores do título de maiores aglomerações mundiais pertencem aos países emergentes. Tudo isso apenas reforça a ideia de que quanto mais um país demora a se industrializar, mais rápida é sua urbanização. (WIKIPÉDIA, 2012)¹

A urbanização brasileira foi descrita por Santos (2001, p.202) da seguinte maneira:

Desde a revolução urbana brasileira consecutiva a revolução demográfica dos anos 50, teve primeiro uma urbanização aglomerada, como o aumento do número e da respectiva população dos núcleos com mais de 20 mil habitantes, e em seguida uma urbanização concentrada, com multiplicação de cidades de tamanho intermédio, para alcançarmos depois o estágio de metropolização, com o aumento considerável do número de cidades milionárias e de grandes cidades médias.

Como ressalta Santos (1994), a organização político-administrativo, consideradas, de um lado, as capitanias e o governo-geral e de outro a organização municipal; as atividades econômicas rurais (agricultura de exportação e de subsistência) e as camadas sociais correspondente, começando pelos proprietários rurais; as atividades econômicas urbanas e seus atores como o comércio, ofícios mecânicos, funcionalismo e mineração, são elementos explicativos da urbanização.

Até poucas décadas atrás, o Brasil era um país de economia agrária e população majoritariamente rural. O sentido mais usual, da urbanização, é o crescimento urbano, ou seja, refere-se à expansão física da cidade, mediante o aumento do número de ruas, praças, moradias, etc. (SANTOS, 2001)

1.1 Evolução urbana no Brasil

O processo de urbanização iniciou-se com o surgimento das cidades. Na Antiguidade, as cidades eram pouco povoadas, uma vez que a população concentrava-se nas áreas rurais, vivendo da agricultura, do extrativismo e demais atividades primárias.

Já na Idade Média, com o desenvolvimento do comércio e da indústria, aumentou a concentração urbana. Todavia, o crescimento acentuado e desordenado dos núcleos urbanos só ocorreu após o advento da Revolução Industrial no século XIX, quando diversas massas humanas convergiram para as cidades atrás de emprego e de melhores condições de vida.

¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Urbaniza%C3%A7%C3%A3o>

A evolução desse processo de urbanização está historicamente ligada à industrialização. A população urbana mundial, que era de apenas 2,4% nos primeiros anos da revolução industrial, em 2000 chegou a 50,1%, projetando-se para o ano de 2025 um índice próximo de 61%. (SILVA,2005)

Por sua vez, no Brasil as primeiras cidades se formaram com os ciclos econômicos. Primeiramente com o pau-brasil, seguido da cana-de-açúcar, do ouro e do café. Os aglomerados urbanos se desenvolveram normalmente nas regiões litorâneas, sendo que no interior, o processo só começou com os bandeirantes, na corrida pelo ouro.

A análise da evolução urbana no Brasil apresenta alguns problemas de ordem estritamente histórica. As datas de fundação das povoações nem sempre são bem determinadas e a ausência de trabalhos sistemáticos sobre o assunto dificulta as questões que venha a surgir. (REIS FILHO, 1968)

Reis Filho (1968), destaca duas etapas de intensa urbanização: a primeira compreendida entre 1530 e 1570, correspondendo à instalação da costa leste, e cujo ponto de maior intensidade estaria compreendido entre os anos de 1530 e 1540. Os dois decênios que mediam entre 1565, data da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro (atual Rio de Janeiro), cuja instalação seria efetivada em 1567, e 1585, data da fundação de Filipeia de nossa senhora das neves de Paraíba (atual João Pessoa- PB), marcam um intervalo no qual ocorreu apenas a instalação de Iguape, mas mesmo esse evento é discutível. A segunda etapa de intensa urbanização corresponde os anos entre 1580 e 1640, são os anos de dominação espanhola e governo dos Felipes. Essa etapa, que se inicia com a instalação de Filipeia em 1585, tem dois pontos de maior intensidade: os anos entre 1610 e 1620, com a fundação de uma vila e três cidades e os anos entre 1630 e 1640, com a fundação de nove vilas. A distribuição espacial desta segunda etapa de urbanização nos leva a perceber a existência de um lento e regular crescimento das áreas já urbanizadas anteriormente e a existência de uma urbanização sistemática na costa norte, em direção a Amazônia.

No entanto Santos (1994), destaca em sua obra três principais etapas de organização do território brasileiro: a primeira fase foi entre 1530 e 1570 cujo ponto de maior intensidade estaria compreendido entre os anos de 1530 e 1540. O segundo período fica entre 1580 e 1640, anos de dominação espanhola, com dois pontos de maior intensidade: os anos entre 1610 e 1620, com a fundação de uma vila e três cidades e entre 1630 e 1640, com a fundação de nove vilas. Com a existência de uma

urbanização na costa norte, em direção a Amazônia. Num terceiro momento, entre 1650 e 1720, foram fundadas trinta e cinco vilas, elevando-se duas delas a categoria de cidades: São Paulo e Olinda. Ao fim do período, a rede urbana estava constituída por respeitável conjunto de sessenta e três vilas e oito cidades.

O Brasil mudou bastante nas últimas décadas, deixou de ser um país rural e agrário, onde a maioria da população vivia no campo e a atividade econômica principal era a agropecuária, para transformar-se no Brasil urbano e industrial que conhecemos hoje. (VESENTINI, 1998)

Antes as cidades eram pouco povoadas, uma vez que a população concentrava-se nas áreas rurais, vivendo da agricultura, do extrativismo e demais atividades primárias, portanto com o desenvolvimento do comércio e da indústria, aumentou a concentração urbana.

No Brasil, o grande domínio da colonização portuguesa na América, as culturas encontradas no seu território caracterizavam-se por um estágio de desenvolvimento bastante diferente, sem nenhum vestígio de vida urbana, com os indígenas vivendo organizados em tribos de agricultores. (ROSS, 2003)

Ainda de acordo com Ross (2003), quanto à colonização portuguesa no Brasil, os estímulos foram diferentes para a produção do território e da sua urbanização. Nos primórdios da ocupação, sua economia, baseada na produção agrícola, era orientada para a exportação, daí as planícies e os terraços litorâneos terem sido escolhidos para a implantação dos primeiros núcleos urbanos.

Os sítios escolhidos eram os localizados próximos à baías ou enseadas junto dessas planícies. As primeiras grandes cidades brasileiras estiveram intrinsecamente ligadas à função de porto comercial e à função militar. As condições de tais sítios favoreciam não somente a ligação com as áreas de produção agrícola como também o estabelecimento seguro de bases militares para garantir a posse da colônia. Exceções foram as cidades de São Paulo, nesse período, de Curitiba, no século XVII, e as cidades da mineração do século XVIII, que deslocaram o eixo da ocupação para o interior do território, como Ouro Preto em Minas Gerais e Goiás Velho em Goiás. (ROSS, 2003)

Enquanto as ordens espanholas mandavam evitar fundações de cidades em zonas litorâneas, as portuguesas proibiam que se fundassem cidades no interior sem permissão real, assim como qualquer penetração para o interior do território deveria ser expressamente autorizada. (ROSS, 2003)

Somente com a crise da agricultura em fins do século XVII e do XVIII, quando a mineração do ouro e da prata se expandiu, é que as ordenanças portuguesas se afrouxaram e foram fundadas cidades no interior do território brasileiro, como Vila Boa, hoje cidade de Goiás, no século XVIII, pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva; Vila Rica, hoje Ouro Preto, em Minas Gerais, fundada em 1711; Cuiabá, em Mato Grosso, fundado em 1727; Campinas, em São Paulo, elevada à condição de vila em 1797, também dentro do período do bandeirismo e da mineração do ouro. (ROSS, 2003)

Apesar de o século XVIII ter presenciado um grande avanço na fundação de vilas e cidades no interior do território brasileiro, esse processo se fez de forma muito descontínua, motivado tanto pela dependência do povoamento em relação às oscilações do mercado externo como também pelo esgotamento dos recursos ou pela concorrência de um produto com outro (caso da cana, da mineração e do café). (ROSS, 2003)

Como ressalta Ross (2003), Os recursos naturais, à medida que se esgotavam, levavam à estagnação desses centros. As grandes cidades melhor localizadas sempre tiveram seu crescimento de forma mais contínua, principalmente as portuárias. Estas podiam beneficiar-se de sua posição geográfica como centro de exportação de vários pequenos centros regionais, em que a estagnação de um era compensada pelo dinamismo de outro, e assim o grande centro conseguia sempre manter sua função exportadora.

A cidade do Rio de Janeiro beneficiou-se da exportação de ouro e, quando este declinou, substituiu-o pela exportação do café, que emergiu logo em seguida como o grande produto brasileiro. (ROSS, 2003)

Com a retomada do dinamismo do setor agrário da economia brasileira, no início do século XIX, as antigas cidades litorâneas retomaram seu ritmo de crescimento. A cana-de-açúcar, no Nordeste, permitiu que cidades como Salvador e Recife voltassem a crescer, garantindo-lhes o segundo e o terceiro lugares quanto ao número de habitantes entre as cidades brasileiras. O primeiro lugar passou para o Rio de Janeiro. (ROSS, 2003)

De acordo com Ross (2003), ao findar do século XVIII, apesar dos avanços das vilas pelo interior do Brasil, Salvador continuava sendo a maior cidade brasileira, com 50 mil habitantes, seguida pelo Rio de Janeiro, com 40 mil habitantes, já elevada à capital da colônia, vindo a seguir Vila Rica, com 30mil habitantes. Nesse período, a cidade de Vila Rica já se encontrava em processo de decadência, com o declínio do ouro e a conseqüente saída de muitos habitantes da região.

Foi a partir do século XVIII, que a urbanização se desenvolveu e “a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só vai a sua propriedade rural no momento do corte e da moenda da cana”. Mas foi necessário ainda mais um século para que a urbanização atingisse sua maturidade, no século XX, e ainda mais um século para adquirir as características com as quais a conhecemos hoje. (BASTIDE, 1978 *apud* SANTOS, 1994, p.19)

De acordo com Santos (1994), O índice de urbanização começa se alterar com maior intensidade a partir de 1920, se o índice de urbanização pouco se alterou entre o fim do período colonial até o final do século XIX e cresceu menos de 4% nos trinta anos entre 1890 e 1920, passando de 6,8% a 10,7%, foram necessários apenas 20 anos entre 1920 e 1940, para que essa taxa passasse a 31,24% passando a população de 4.552.000 em 1920 para 6.208.699 em 1940.

O desenvolvimento da rede urbana propriamente dita começou praticamente na década de 40 do século XX, com a intensificação do processo de industrialização. Em decorrência da vantajosa situação econômica de São Paulo como importante centro cafeeiro e da concentração política e administrativa no Rio de Janeiro, a industrialização foi concentrada nessas áreas. Simultaneamente, como a economia estava fortemente relacionada com os preços internacionais dos produtos agrícolas, o seu declínio na década de 30 provocou os primeiros deslocamentos migratórios maciços do meio rural para as áreas em fase de industrialização, iniciando assim o processo de urbanização. (COSTA, 1975)

Tabela 1: índice de urbanização no período entre 1940 a 1991.

Ano	População total	População urbana	Índice de urbanização
1940	41.326.000	10.891.000	26,35%
1950	51.944.000	18.783.000	36,16%
1960	70.191.000	31.956.000	45,52%
1970	93.139.000	52.905.000	56,80%
1980	119.099.000	82.013.000	68,86%
1991	150.400.000	115.700.000	77,13%

Fonte: Santos (1994)

De acordo com a tabela acima, entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Em 1940, taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia.

2 ASPECTOS GERAIS DA URBANIZAÇÃO: AS ATIVIDADES ECONÔMICAS, INFRAESTRUTURA URBANA E TRABALHO.

Durante todo o período colonial, apenas as cidades mais importantes do Brasil tinham calçamento nas ruas. O saneamento básico nunca foi preocupação da coroa portuguesa. Em geral a água era recolhida por escravos e aguadeiros que abasteciam as moradias, as fezes eram transportadas e despejadas nos cursos de água. As cidades ligadas ao ciclo do ouro eram exceção, onde foram construídas pontes, utilizando pedras trabalhadas, além de alguma obra de infraestrutura. (MARICATO, 1997)

O aumento significativo da população transformou as cidades, onde não havia moradias suficientes, tampouco infraestrutura de saneamento básico e higiene. De acordo com Ross (2003), “o acentuado crescimento urbano que seguiu no século XIX foi acompanhado por significativas transformações nas cidades brasileiras, tanto em seu perfil arquitetônico como em sua dimensão espacial”.

Ainda de acordo com Ross (2003), as principais cidades a partir da segunda metade do século XIX passaram a receber uma enorme quantidade de melhorias técnicas, desde a implantação de sistema hidráulico, de iluminação, de transporte coletivo de tração animal e redes de esgoto até planos urbanísticos de logradouros públicos, praças e vias arborizadas.

A abertura dos portos ao livre comércio com o exterior e a independência do país fizeram com que as oligarquias agrárias começassem a assumir a administração da vida pública. A partir de então, as cidades brasileiras passaram a representar mais do que o prolongamento do poder rural, transformando no novo centro do poder político. (ROSS, 2003)

Como ressalta Ross (2003), as velhas oligarquias eram estimuladas pela revolução industrial na Europa, que demandava novos produtos no mercado mundial e, portanto, estavam interessadas em estabilizar as fronteiras do território nacional, como a exploração da borracha na Amazônia, a lavoura do café avançando pelo centro-sul e a colonização europeia expandindo-se no sul do país marcaram o surgimento de importantes cidades nessas regiões.

Ainda de acordo com Ross (2003), surgiram também no nordeste novas cidades em virtude do comércio do gado e a situação privilegiada que garantiam uma boa circulação entre o litoral e o sertão. Já no sudeste brasileiro o café e a ferrovia, foram importantes fatores na criação das cidades.

As grandes transformações juntamente com o aumento das exportações brasileiras, as quais esteve ligado o desenvolvimento das ferrovias e das cidades, não foram, na verdade, a maior causa das mudanças da urbanização, como descreve (ROSS 2003, p.424):

Deve-se lembrar de que, apesar do crescimento econômico no século XIX tanto pela retomada da economia do açúcar nos mercados mundiais como pelo surgimento do café como produto chave da economia, vindo a permitir um acentuado processo de acumulação capitalista, o Brasil, durante todo esse século e mesmo durante as primeiras décadas do século XX, continuou tendo sua população predominantemente rural. Além do que, o surgimento de todas as novas cidades e o crescimento de outras já existentes deram-se num ritmo lento.

Nos relatos de Ross (2003), as significativas mudanças ocorridas na política e no sistema sócio econômico brasileiro deram novos horizontes na ocupação do território. Com a introdução do trabalho livre e assalariado a partir do fim do século XIX, o que permitiu paralelamente uma nova orientação na ocupação do território. Alavancando para o Brasil os mercados internacionais, o café não somente permitiu a conquista de muitas regiões interioranas do país como também fortaleceu as bases das novas relações sociais do trabalho livre, sendo este um dos grandes responsáveis pelo crescimento das cidades. A circulação do dinheiro dos salários criou condições para que os mercados urbanos se desenvolvessem passando as cidades a abrigar um número crescente de trabalhadores livres nas atividades terciárias.

Os novos trabalhadores, responsáveis agora por sua sobrevivência com o dinheiro dos salários, tiveram que procurar nos mercados urbanos os gêneros para seu abastecimento e moradia. (ROSS, 2003)

Os portos e as ferrovias tiveram enormes influências no desempenho de algumas cidades brasileiras e na expansão urbana no Brasil, portanto as rodovias tem maior destaque como relata (ROSS 2003, p.431):

As grandes regiões metropolitanas brasileiras têm nas rodovias seu principal sistema de transporte. Grandes postos de combustíveis, oficinas mecânicas, motéis e grandes restaurantes povoam o interior das regiões por onde passam as rodovias. Crescendo na direção desses eixos rodoviários, aos poucos o espaço das cidades chega àqueles pontos num processo de coalescência e assim, aquele interior, que até a chegada da rodovia era despovoado, vai-se urbanizando.

A associação do capital financeiro e comercial estrangeiro com o capital agrícola nacional acabou determinando a drenagem de recursos para o exterior, sobretudo para a Inglaterra, para onde iam 39,4% das exportações e de onde vinham 53,4% das importações.

Portanto, se havia um desinteresse do capital estrangeiro em relação à indústria em seus primórdios, os investimentos externos em infraestrutura como ferrovias, usinas hidrelétricas, portos, transportes marítimo, água, esgotos e etc. resultou em fator muito importante no desenvolvimento do país. Esses investimentos visavam atender demandas das regiões com maior dinamismo econômico, onde se verificava também o crescimento das cidades. (MARICATO, 1997)

Segundo Maricato (1997), o desenvolvimento dos anos 50, responsável por sustentar o processo de acumulação no Brasil, baseou-se na indústria de bens duráveis como de automóveis, máquinas e eletrodomésticos, que combinava tecnologia importada, e avançada para os padrões brasileiros, com baixos salários.

As obras viárias tornaram prioridade do investimento público em todas as cidades brasileiras, assim como descreve Maricato (1997) “todos os bem duráveis trouxeram uma grande mudança para o território brasileiro, mas nenhum foi mais impactante que o automóvel”. As transformações pelas quais passou a estrutura urbana visando adequar o sistema viário ao automóvel foram dramáticas, onde elas consumiram maior parte dos orçamentos municipais.

A proliferação da urbanização resultou numa maior inerência entre a cidade e o campo, tornando esta relação mais complexas para atender as necessidades do capital, que é a acumulação do lucro. Dentro desse contexto, o processo de urbanização foi essencial para a criação do mercado interno brasileiro que, mais tarde, se tornaria uma potência no mercado agroexportador. (OLIVEIRA,2012)

Embasado na obra de Santos (1994), o período compreendido entre 1920 e 1940 no qual o índice de urbanização começa se intensificar, a população ocupada em serviços cresce mais depressa que o total da população economicamente ativa. A participação dos setores primários e secundários na população ativa teria diminuído, ao passo que a do setor terciário estaria aumentando.

A industrialização e conseqüente oferta de empregos aumentam a população urbana. Com a industrialização há uma urbanização intensa, ocorrendo um aumento proporcional dos empregos no setor secundário e no terciário. A porcentagem da população urbana sobre o total da população brasileira passou de cerca de 16% em 1920 para 31% em 1940, 45% em 1960 e 67% em 1980.(VESENTINI ,1991)

Em 1940, a massa da população ativa era composta em 86,5% por trabalhadores do setor primário, dos quais mais da metade pertencia aos estados de Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entre 1940 e 1960, cerca de 4 milhões de pessoas incorporaram-se

ao setor primário. Em 1960, o estado de São Paulo reunia 45,1% dos efetivos do setor secundário do país. Representando pouco mais de 33,3% da população total brasileira, a população economicamente ativa somava, em 1995, 52. 341.550 pessoas. (SANTOS, 2001)

Entre 1980 e 1995, o crescimento da população ativa é de cerca de 4 milhões no setor primário e de cerca de 3 milhões no setor secundário e o setor terciário duplica seu volume, com um crescimento de 11,1 milhões. Sendo que a região sudeste, possuía em 1995, quase 11 milhões de pessoas no setor terciário, quantidade comparável a do Brasil de 1980. Representando pouco mais de 33,3% da população total brasileira, a população economicamente ativa somava, em 1995, 52. 341.550 pessoas. (SANTOS, 2001)

Ainda de acordo com Santos (2001), nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Salvador, mais da metade da população está ocupada nos serviços, com um aumento gradativo nas últimas décadas. O setor de comércio torna-se importante contratador de mão de obra nas grandes cidades. Por outro lado, a participação dos empregados na construção civil nas grandes cidades vem diminuindo, ainda que se haja registrado um ligeiro crescimento em números absolutos em algumas regiões.

Com a reativação das operações imobiliárias, decorrente das remodelações dos centros históricos e da ampliação das residências, do comércio e de lazer, é responsável, em boa parte pelo aumento na contratação de empregados. Como relata Santos (2001), “em 1999 eram 253.806 empregos na construção civil na região metropolitana do Rio de Janeiro e 459.608 na região metropolitana de São Paulo”.

No setor financeiro as ocupações bancárias acrescentam-se, desde a década de 1970, atividades necessárias a esse novo mercado de capitais como, operador de câmbio, operador de produtos financeiros, operador financeiro, analista de câmbio, analista de crédito e cobrança, corretor de ações, corretor de bolsa de valores, corretor de fundos públicos, corretor de mercados de capitais (SANTOS, 2001)

3 ESTUDO DE CASO SOBRE A URBANIZAÇÃO EM SANTA RITA DO IBITIPOCA-MG

3.1 Histórico de Santa Rita do Ibitipoca (MG)

Santa Rita do Ibitipoca é um município criado pela Lei nº 2.764, de 31 de dezembro de 1962, sendo elevada à categoria de município no dia 03 de março de 1963.

Na primeira metade do séc. XVIII, com a abertura do Caminho Novo, ligando a província de Minas Gerais ao Rio de Janeiro, toda a região passou a ser mais movimentada. Pousos e povoados foram surgindo. Tem registro de que os primeiros moradores João Esteves e Felipe Dutra receberam do Governador da Província Gomes Ferreira de Andrade, a concessão de sesmaria, em 09-06-1744. Ao requererem a sesmaria, alegaram ser moradores em Santa Rita, Distrito de Ibitipoca, Freguesia da Borda do Campo, Comarca do Rio das Velhas. (BRASIL, 2012)²

As terras para constituição do patrimônio da Capela de Santa Rita, no lugar então chamado de Pinhal de Santa Rita, foram doadas pelos irmãos Manuel Gomes da Silva e João Gomes da Silva, em 1750. (BRASIL, 2012)²

Em 1826, com o arraial já formado em torno da Capela, construída pelos fazendeiros, a qual recebeu o nome de Capela de Santa Rita, em honra à santa, recebeu foros de Freguesia. Posteriormente, a localidade fez parte do Rio dos Peixes (atual cidade de Lima Duarte). Só bem mais tarde, criou-se a nova Freguesia em 14-07-1832. Porém, algum tempo depois, por motivos não esclarecidos, tal Freguesia foi suprimida, já no ano de 1836. Novamente, o antigo arraial de Santa Rita, voltou a pertencer ao Município de Barbacena. Ao ser criado o Município de Bias Fortes (Decreto-Lei nº 148 de 17-12-1938), passou a integrar o novo Município, quando teve sua denominação mudada para Ibitipoca, pelo fato de estar localizado nas proximidades da majestosa Serra de Ibitipoca. . (BRASIL, 2012)²

Depois de tantos impasses na história de sua criação, o Distrito ganhou sua autonomia no contexto histórico do Estado de Minas Gerais pelo Decreto Lei nº 2764 de 30-12-1962, sendo elevada à categoria de Município no dia 03 de março de 1963, quando lhe devolveu a primitiva denominação de Santa Rita, em homenagem a santa padroeira, complementada a denominação de Ibitipoca, confirmando assim Santa Rita de Ibitipoca. (BRASIL, 2012)²

² <http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Pelo Decreto Lei nº 2.764, de 30-12-1962, que elevou o Distrito à categoria de Município, estabeleceu também a criação dos Distritos de Campolide e Paraíso Garcia. Pela Lei Municipal nº384, de 20-06-1995, foi mudado o nome do Distrito de Campolide para Bom Jesus do Vermelho. (BRASIL, 2012)².

3.2 A urbanização de Santa Rita do Ibitipoca (MG)

Ressaltando a respeito do processo de urbanização de Santa Rita do Ibitipoca (MG), basta recorrer às lembranças da infância, quando as ruas eram de terra; na praça central nada havia, além de um buraco de terra vermelha, onde a molecada ficava jogando bola; muitas ruas nem se quer eram iluminadas e o comércio, só gênero alimentício mais básico; asfalto intermunicipal era um sonho, que hoje se tornou realidade.

Hoje, percebemos uma Santa Rita diferente. O município dispõe de uma infraestrutura básica, com ruas calçadas ou asfaltadas, embora em alguns pontos ainda existam ruas de terra. Na parte central, o buraco de terra cedeu lugar a uma linda praça. As construções antigas cederam lugar a construções mais modernas, o que em parte é desfavorável, pois afeta nosso legado histórico cultural. Aliás, este é um dos pontos negativos do processo de urbanização: muitas vezes ele atinge o patrimônio histórico e também o natural. O município dispõe também de saneamento básico, com água tratada, captação de esgoto e limpeza urbana; telefonia fixa e móvel; energia elétrica e internet.

Em toda a cidade há comércio dos mais variados tipos. Hoje quase tudo se encontra. O município possui agência dos correios (em parceria com o Banco do Brasil), agência do Banco Bradesco e Casa Lotérica (vinculada à Caixa Econômica Federal). O município tem pequenos mercados, farmácias, lojinhas de roupas, bares, pizzaria, trailers de lanches, restaurante, pousadas, padarias, açougues, oficina de moto, um posto de combustível, mercado hortifrutigranjeiro, lojas de móveis e eletrodomésticos, lojas de materiais de construção, lojas de ração animal e produtos veterinários.

Portanto para termos tudo isso, muito tempo se passou. A urbanização foi lenta e precisa continuar ocorrendo, pois apesar de todos os avanços muito, ainda precisa mudar e melhorar.

As fotografias a seguir mostrarão possíveis análises do espaço urbano de Santa Rita do Ibitipoca. Nosso objetivo é descrever a espacialidade urbana do município.

Figura 1- Fotografia de Santa Rita do Ibitipoca (MG) - 1983



Fonte: arquivo pessoal morador do município

A imagem acima mostra a ocupação do solo no processo de urbanização em partes diferentes no município de Santa Rita do Ibitipoca (MG) na década de 80. Percebe-se que neste período se iniciava o processo de urbanização do município, ao se comparar com a imagem a seguir que representa os dias atuais. Houve um crescimento demográfico satisfatório e um crescimento expressivo na ocupação do solo para o desenvolvimento sócio econômico da cidade e conseqüentemente a urbanização.

Figura 2-Vista aérea de Santa Rita do Ibitipoca (MG) atualmente



Fonte: autor desconhecido

A imagem a seguir mostra a situação em que se encontrava uma parte do centro da cidade no início da década de 80, mais precisamente em julho de 1981. Percebe-se que não há calçamento nas ruas, apenas um início a ser realizado na parte em frente à igreja matriz. É visível também um ponto de comércio de roupas ao lado da igreja.

Figura 3-Rua em frente à matriz - 1981



Fonte: arquivo pessoal morador do município

No entanto, esta próxima imagem mostrará a situação atual em parte do centro da cidade. Durante este período entre 1981 e 2012 percebe-se que as mudanças foram bastante significativas.

Figura 4-Rua em frente à matriz atualmente



Fonte: o autor

As mudanças na infraestrutura da cidade foram acontecendo gradativamente em função do processo de urbanização do município, não exclusivamente no centro, mas também em outras ruas do município conforme vem ilustrando as fotografias:

Figura 5-Rua Francisco Rodrigues - 1983



Fonte: arquivo pessoal morador do município

Percebe-se na imagem que a rua não tinha calçamento algum e possivelmente a rede de esgoto de encontrava a céu aberto, havendo assim pouca infraestrutura.

No entanto, a próxima imagem demonstra uma situação bastante diferente nos dias atuais, com rua calçada, nada de esgoto correndo a céu aberto, ou seja, com uma infraestrutura básica.

Figura 6-Rua Francisco Rodrigues nos dias atuais



Fonte: o autor

A figura 7 mostra que a cidade apresenta traços do período colonial. Este casarão é do ano de 1894.

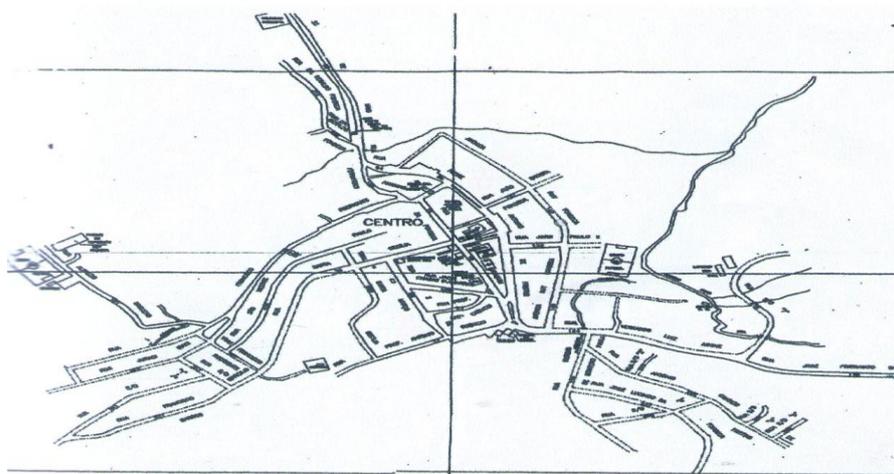
Figura 7- Casarão Antigo



Fonte: o autor

A cidade de Santa Rita do Ibitipoca (MG) ainda apresenta traços do período colonial, onde apresenta alguns casarões antigos. Este casarão juntamente com as belezas do município serviu de inspiração para gravação de algumas cenas do filme “O PALHAÇO”, com a participação dos atores Selton Melo e Paulo José.

Figura 8- Croqui do município



Fonte: arquivo pessoal morador do município.

O município é subdividido em 41 ruas e 04 distritos (Bom Jesus do Vermelho, Paraíso Garcia, Moreiras e Engenho), todos com boa infraestrutura com ruas pavimentadas, saneamento básico, energia elétrica, telefonia fixa, escolas e transporte escolar, assistência médica e boa disposição de produtos alimentícios, podendo destacar Bom Jesus do Vermelho que dispõe de uma pequena indústria de laticínios.

De acordo com o IBGE (2012)² Santa Rita do Ibitipoca, encontra-se com uma população total de 3.583 habitantes, com uma área de 324,07 Km² em extensão territorial e uma densidade demográfica de 11,4 Km².

O município está localizado no contexto da mesorregião da zona da mata e na microrregião de Juiz de Fora, tendo como bioma a mata atlântica.

O processo de urbanização de Santa Rita do Ibitipoca-(MG) se intensificou com a instalação da primeira e principal indústria a se instalar na cidade, foi uma indústria de laticínios, LATICINIOS MB LTDA (JONG). No entanto, isto ocorreu em 1982. Hoje, seu volume de leite diário é de 35000 que gera uma boa economia para o município. Seus principais produtos são: queijo do reino, prato lanche, parmesão, cáccio cavalo, creme de leite.

Todos estes produtos seguem para fase final de acabamento na cidade de Lima Duarte- MG, onde é a matriz da indústria. Eles são embalados e transportados em veículo próprio e com as condições exigidas pela fiscalização. A maior parte da venda é concentrada no nordeste brasileiro, um percentual de 70% das vendas.

De acordo com o IBGE (2012)², a população total de Santa Rita do Ibitipoca(MG), é de 3583 habitantes. Desses habitantes, 2.233 vivem na área urbana e 1.350 vivem na área rural, sendo que 1.846 são homens e 1.737 mulheres.

Ainda de acordo com o IBGE (2012),² a população residente no município de Santa Rita do Ibitipoca MG era de 4.064 habitantes em 1991; 3765 habitantes em 1996; 3847 habitantes em 2000; 3747 habitantes em 2007, e em 2010 um total de 3583 habitantes. Observa-se que a população está em declínio, exceto no ano de 2000, onde a população teve um pequeno aumento em relação ao levantamento anterior, este declínio é possivelmente justificado pelo fato de que os jovens estão em busca de oportunidades de trabalho e principalmente de estudos.

O Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, toda a riqueza produzida no município é de R\$6.901,00 no setor da agropecuária, R\$4.902,00 no setor da indústria e R\$14.085,00 no setor de serviços. O município tem uma despesa orçamentária no valor de R\$5.684,97 e uma receita de R\$6.688,62 (IBGE 2012)² Isto significa dizer que o município não se encontra pelo fato de jovens estarem em busca com déficit e sim com um superávit no valor de R\$1.003,65.

Pelo fato do processo de urbanização, estar ligado às atividades econômicas, é bom ressaltar alguns aspectos importantes, neste processo de urbanização, como o número de empregos formais juntamente com a remuneração média e a flutuação de empregos formais no município de Santa Rita do Ibitipoca (MG) como mostra as tabelas abaixo:

Na tabela a seguir observa-se o número de empregos formais no município de Santa Rita do Ibitipoca- MG.

Tabela 2: Número de Empregos Formais em 31 de Dezembro de 2010

Total das Atividades			
IBGE Setor	Masculino	Feminino	Total
2 - Indústrias de transformação	72	3	75
4 - Construções Cíveis	1	0	1
5 – Comércio	16	9	25

6 – Serviços	3	5	8
7 - Administração Pública	62	103	165
8 – Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	64	2	66
Total	218	122	340

Fonte: IBGE (2012)

De acordo com a tabela acima, Santa Rita do Ibitipoca(MG) encontra-se com um número de empregos formais no total de 340 empregados, sendo 218 homens e 122 mulheres. No setor de indústrias de transformação tem 75 empregados, sendo 72 homens e 3 mulheres. Na agropecuária e extração vegetal tem 64 homens e 02 mulheres, totalizando 66 empregados. Na administração pública tem 62 homens e 103 mulheres, no total de 165 empregados. No comércio tem 16 homens e 09 mulheres, ao todo 25 empregados. No setor de serviços tem 03 homens e 05 mulheres, no total de 08 empregados e na construção civil apenas 01 empregado.

Na seguinte tabela, observa-se a remuneração média de empregos formais no município de Santa Rita do Ibitipoca(MG).

Tabela 3: Remuneração média de empregos formais em 31 de dezembro de 2010.

Total das Atividades			
IBGE Setor	Masculino	Feminino	Total
1 - Extrativa mineral	0,00	0,00	0,00
2 - Indústria de transformação	732,05	669,14	729,53
3 - Serviços industriais de utilidade pública	0,00	0,00	0,00
4 - Construção Civil	1.020,00	0,00	1.020,00
5 – Comércio	591,76	597,74	593,91
6 – Serviços	867,97	711,40	770,11
7 - Administração Pública	972,41	1.054,59	1.023,71
8 – Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	579,46	511,97	577,41
Total	4.764	3.545	4.715

Fonte: IBGE (2012)

De acordo com a tabela acima, percebe-se que a remuneração média dos empregos formais na indústria de transformação é de R\$732,05 para os homens e de R\$669,14 para as mulheres. No comércio é R\$591,76 para os homens e R\$597,74 para as mulheres. No setor de serviços a remuneração está em torno de R\$867,97 para os homens e R\$711,40 para as

mulheres. Na agropecuária e extração vegetal, a remuneração média é de R\$579,46 para os homens e R\$511,97 para as mulheres. Na administração pública, a remuneração média é de R\$972,41 para os homens e R\$1.054,59 para as mulheres e na construção civil é R\$1.020,00.

A tabela abaixo vem demonstrar a flutuação do emprego formal no município de Santa Rita do Ibitipoca(MG)

Tabela 4: Flutuação do Emprego Formal de jan/2011 até dez/2011

Total das Atividades			
IBGE Setor	Admitidos	Desligados	Saldo
1 - Extração mineral	0	0	0
2 – Indústria de transformação	17	14	3
3 - Serviços industriais de utilidade pública	0	0	0
4 - Construção Civil	0	0	0
5 – Comércio	2	1	1
6 – Serviços	3	3	0
7 – Administração pública	0	0	0
8 – Agropecuária	43	32	11
Total	65	50	15

Fonte: IBGE (2012)

A tabela acima mostra uma flutuação do emprego formal no total de 65 empregados admitidos e 50 desligados, sendo que na indústria de transformação foram admitidos 17 empregados e desligados 14, tendo um saldo de 03 empregados. No comércio foram admitidos 02 e desligado apenas 01. No setor de serviços foram admitidos 03 e desligados também 03 e na agropecuária foram admitidos 43 e desligados 32, tendo um saldo de 11 empregados.

A tabela a seguir vem mostrar o salário médio de alguns setores da economia do município de Santa Rita do Ibitipoca(MG).

Tabela 5- Salário médio de admissão - Jan/2011 até Dez/2011.

Total das Atividades	
IBGE Setor	Salário Médio de Admissão (R\$)
1 – Extração Mineral	0,00

2 – Indústria de Transformação	614,94
3 – Serviços Industriais de Utilidade pública	0,00
4 - Construção civil	0,00
5 – Comércio	950,00
6 – Serviços	942,00
7 – Administração Pública	0,00
8 – Agropecuária	552,84
Total	382,47

Fonte: IBGE (2012)

Observa-se na tabela que o setor de comércio é o mais remunerado com um montante de R\$950,00 acompanhado do setor de serviços com remuneração de R\$ 942,00, seguido pela indústria de transformação com salário de R\$614,94 e por último a agropecuária, que sendo a base do município tem o menor salário no valor de R\$552,84.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de laticínios é a base para o desenvolvimento do município sendo a principal responsável na geração de emprego e renda. Portanto, é importante para a manutenção e permanência de algumas famílias no meio rural do município onde atuam na atividade leiteira. Assim é importante analisar a relação entre o meio rural com o processo de urbanização no município de Santa Rita do Ibitipoca (MG).

Mediante as pesquisas e fotografias analisadas percebemos que o processo de urbanização foi bastante significativo. Percebe-se um crescimento maior da cidade com ruas calçadas, uma boa disposição de comércios e serviços, enfim uma boa infraestrutura. No entanto é bom ressaltar que a cidade cresce sem ter um planejamento urbano, onde os loteamentos e ruas vão surgindo, não tendo assim, um traçado definido. Para termos tudo isso, muito tempo se passou. A urbanização foi lenta e precisa continuar ocorrendo, pois apesar de todos os avanços muito ainda precisa mudar e melhorar.

Apesar de apresentar uma urbanização lenta, o município de Santa Rita do Ibitipoca apresenta boa qualidade de vida para sua população. Acredita-se que sem dúvida, é um bom lugar para se viver, uma vez que apresenta baixos índices de criminalidade. Contudo, sabemos que para que sua população consiga obter melhores índices de escolaridade, é necessário buscar recursos em outros municípios, como por exemplo, em Barbacena.

Acredita-se, que um outro elemento que possa contribuir para o desenvolvimento do município é com relação à geração de empregos, uma vez que muitos deixam a cidade em busca de novas oportunidades em outros lugares.

Contudo, sabemos que a cidade apresenta grandes potencialidades de desenvolvimento, principalmente àqueles vinculados ao setor primário (agricultura e pecuária). Outro fator também que possa contribuir para este desenvolvimento, é fazer com que o município consiga atrair indústrias dando a elas incentivo fiscal, proporcionando assim maior número de empregos, estabilizando a população santarritense.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Brasileiro de **Geografia** e Estatística. (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 03 jul. 2012.
- COELHO, Marcos Amorim. **O Espaço Natural e Sócio-Econômico**: 3.ed. São Paulo: Moderna, 1992. 320 p.
- COSTA, Manoel Augusto *et al.* **Estudos de demografia urbana**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1975. 279 p. il. (Monográfica).
- MARICATO, Ermínia. **Habitação e Cidade**. São Paulo; Atual, 1997.
- OLIVEIRA, Ecirio Barreto Santos. **Geografia Pedagogia 2.0**: Nova relação campo-cidade: tendências do novo rural brasileiro. Escala Educacional, 2012
- PASSARO, Lanny et al. (ed.). **Nova Enciclopédia Barsa**: Macropédia. Rio de Janeiro: Barsa Consultoria Editorial, 2001. v.6. 506 p.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil**. São Paulo: USP, 1968. 235 p.
- ROSS, Jurandy L Sanches (Org.). **Geografia do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003. 549p.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 157 p.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473p.
- SILVA, Vagner Augusto da. **Geografia do Brasil e Geral**: Povos e Territórios: volume único. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- VESENTINI, José William. **Brasil sociedade e espaço**: geografia do Brasil. 7. ed. São Paulo: Ática, 1988. 272 p.
- VESENTINI, José William. **Êxodo Rural e Urbanização**. São Paulo: Ática, 1998. 47 p.
- WIKIPÉDIA. **Urbanização** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Urbaniza%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 03 jul. 2012.

